

APRENDENDO A LER NAS LENTES DO JORNAL

Saraí Schmidt  UFRGS

“Se vivemos em um mundo visual, no qual somos bombardeados por ícones novos a cada dia, se as diferentes culturas impõem, umas às outras, verdadeiras guerras visuais, se as guerras verdadeiras passam a ter o visual de meras brincadeiras, como olhar somente para as palavras?”
(Achutti, 1997)

Este trabalho é parte das conclusões de uma pesquisa¹, onde investiguei as concepções de educação apresentadas na mídia impressa brasileira, centralizando a análise nas reportagens que se utilizam de fotografias. Meu objetivo com este artigo é compartilhar com as/as pesquisadoras/es do *GT Alfabetização, Leitura e Escrita* as análises desenvolvidas especialmente acerca das representações sobre a alfabetização que estão sendo produzidas e multiplicadas pelos jornais e, particularmente, a articulação das fotos na fabricação destas representações. O tema alfabetização tem sido alvo de inúmeras reportagens e campanhas na mídia impressa brasileira. Considero produtivo e relevante o exercício de desenvolver uma análise sobre as narrativas produzidas e colocadas em circulação pelos jornais sobre a importância da alfabetização para o desenvolvimento social.

Na condição de jornalista e pesquisadora entendo que este trabalho possa contribuir para a discussão sobre como o jornal participa na construção de concepções hegemônicas sobre alfabetização, como relações de poder forjadas e operantes na arena cultural vão consolidando e legitimando concepções, fortalecendo posições político-filosóficas, produzindo identidades e coordenando sujeitos.

Para este artigo selecionei um conjunto de reportagens que utilizam a fotografia ao colocar em pauta a temática alfabetização. Os materiais selecionados são analisados como artefatos culturais que produzem representações sobre a alfabetização e que praticam uma pedagogia peculiar.

Na pesquisa, realizada na perspectiva dos Estudos Culturais, analiso as formas como a alfabetização é representada na trama de discursos da mídia neste final de século, e

¹ Trata-se da dissertação de mestrado *A educação nas lentes do jornal*. Programa de Pós-Graduação em Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

discuto como estas representações, construídas com inspiração em concepções modernas e hegemônicas, se constituem e se fortalecem na textualidade fotográfica do aparato jornalístico. Autores e autoras como Alfredo Veiga-Neto, Marisa V. Costa, Rosa M. Fischer, Tomaz Tadeu da Silva e Norma Marzola entre outros/as, — cujas análises contemplam perspectivas pós-estruturalistas e procuram olhar criticamente para o enquadramento iluminista —, fornecem o aporte teórico para uma aproximação maior com abordagens que, no quadro da transformação da crítica, vêm possibilitando novas problematizações da educação. As discussões e os trabalhos de autoras e autores como Douglas Kellner, Henry Giroux, Walerie Wakerdine e Stuart Hall sobre narrativa e representação contribuem para abordar questões políticas das identidades culturais.

O que pretendo não é lançar uma “fórmula” ou uma estratégia mais perspicaz para analisar as fotografias que tematizam a alfabetização publicadas nos jornais. Minha proposta foi colocar em discussão as narrativas que os jornais escolhidos estão criando e colocando em circulação sobre o que pode significar o acesso à alfabetização. Também não faço uma análise de imagens no sentido semiótico. Segundo Costa (1996, p.10) “não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz a diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma outra maneira de conceber as relações entre saber e poder”. Os Estudos Culturais, perspectiva teórica na qual este trabalho se insere, abrem a possibilidade de optar por não realizar um estudo de recepção do material analisado e sim discutir aquilo que está sendo colocado em circulação na mídia. Entendo que pode ser produtivo, o exercício de tentar analisar quais são os olhares que o jornal está lançando para as questões relacionadas à alfabetização brasileira, examinando o que ele nos diz sobre isto.

Pedagogizando olhares

Falar em pedagogia na perspectiva dos estudos culturais é algo complexo e que vai além dos espaços escolares. Ou melhor, é borrar estas fronteiras, tão insistentemente demarcadas por alguns, sobre aquilo que é e aquilo que não é educativo. Falar na pedagogia da mídia, por exemplo, é compreender que ao lermos um jornal, ao olharmos uma novela, estamos aprendendo coisas, estamos sendo constantemente interpelados por discursos que nos conformam e nos subjetivam. É isto que minha pesquisa objetivou demonstrar: que

estamos a cada dia aprendendo novas lições na sala de aula do jornal. Estas lições estão sendo ensinadas inclusive através das fotografias que vão construindo “verdades”.

Esta foi a minha tarefa na pesquisa: ser uma estudante da sala de aula do jornal², aprendendo as lições da mídia e mostrando como as fotografias operam para fabricar aquilo que os jornais ensinam sobre a alfabetização. As documentações jornalísticas, utilizando intensamente fotografias, estão mostrando os altos índices de crianças sem escola e apresentando a marginalização destas crianças como conseqüência da falta de oportunidades que “somente” o estudo ou a alfabetização poderia oferecer. Os jornais inundam suas páginas com fotos de escolas em estado de precariedade o que exigiria que o governo se ocupasse cada vez mais em investir seus sempre escassos recursos na área da educação. Ao mesmo tempo, grandes organizações divulgam campanhas de alfabetização oferecendo saídas mágicas pelo caminho da educação, como alternativa central e inquestionável para os problemas sociais do país.

Defendo a idéia de que o jornal opera como uma sala de aula. À medida que fui desenvolvendo a pesquisa, que fui olhando para as inúmeras fotos que escolhi, fui percebendo que o jornal a cada dia traz novas lições, propõe novas aprendizagens. Ao folharmos as páginas dos jornais somos interpelados por representações que se apresentam como “corretas” de ver o mundo e suas relações. As fotografias publicadas nos jornais formam narrativas que dizem como é, ou deveria ser, por exemplo, a “boa” escola brasileira. O jornal coloca em pauta aquilo que considera verdadeiro, importante e necessário, também no campo da educação.

Pretendo, a partir de agora, compartilhar algumas das lições que aprendi na sala de aula dos jornais especificamente sobre alfabetização ou o domínio da leitura e da escrita.

A fotografia da primeira reportagem analisada (anexo1)³ ocupa quase toda a área da página. Uma menina escrevendo no caderno sorri olhando para a câmera. A foto é em preto e branco e na área escura, na parte superior esquerda, o título: *O futuro dela está em tuas mãos*. Abaixo, o texto-legenda:

² Foram analisadas cerca de 300 edições de sábado e domingo no ano de 1998 dos jornais Jornal NH, Folha de São Paulo e Zero Hora.

³ Jornal Zero Hora, 30 de agosto de 1998, fotógrafo Genaro Joner.
As fotografias estão colocadas como anexo no final do artigo.

Katherine Petry, sete anos, ainda não votou, mas a eleição de outubro será decisiva para ela. O futuro dessa aluna da 1ª série da Escola Estadual de 1º grau Rio de Janeiro, em Porto Alegre, está nas mãos dos eleitores gaúchos. Dependerá do próximo governador oferecer um ensino de qualidade, e assim, criar condições para que a garota realize o sonho de tornar-se veterinária. Sem estudo, eu não vou ser nada — avisa Katherine. A frase é como um apelo para os adultos examinarem atentamente o que os candidatos planejam para o ensino.

O exemplo acima evidencia o caráter operativo da legenda que cria um sentido para a fotografia. Através da leitura da legenda podemos “compreender” quem seria aquela menina e, mais do que isso, sentimo-nos provocados, enquanto eleitora ou eleitor, para pensar acerca de nossa responsabilidade em relação a ela. A fotografia da menina sensibiliza e alerta para o nosso compromisso ao escolhermos nosso candidato ao governo do Estado. O título funciona como um apelo, ele nos convoca para zelar pela vida daquela menina, ele afirma que o futuro dela está em nossas mãos. Basta escolher o candidato certo, aquele que tenha um bom projeto de educação, que a vida desta menina estará bem encaminhada. A foto associada à legenda e com o apelo do título remete à idéia de que se aquela criança tiver acesso aos bancos escolares, ao saber da escola, ela terá um futuro promissor.

Outro aspecto a ser ressaltado é que a foto escolhida para esta reportagem, capa do caderno de eleições, foi justamente de uma aluna de primeira série e de uma escola pública. Ou seja, mais uma criança que está tendo a oportunidade de ser alfabetizada neste país. Ela já tem o sonho de ser veterinária e basta o governo cumprir com o seu papel, oferecendo um ensino de qualidade, que ela terá condições de alcançar o seu objetivo. Esta matéria sintoniza-se com o discurso fabricado através da constante publicação de reportagens com fotos de crianças “pobres”, estudantes da rede pública, que estariam encontrando no alfabetismo escolar a possibilidade de ter uma vida “melhor”, pela conquista de um emprego.

Estas promessas que vinculam alfabetização a desenvolvimento individual e social, alfabetização como caminho para a libertação são tributárias das metanarrativas que formataram a teorização social, em geral, e as pedagogias, em particular. São inerentes ao projeto moderno que atribui à razão, ao sujeito, à liberdade, à totalidade, significados transcendentais, a-históricos.

Recentes estudos sobre alfabetismos ajudam-me a pensar sobre o “mito do alfabetismo” (Graff, 1990): a identificação entre racionalidade e escrita alfabética. O domínio da escrita alfabética seria condição ao acesso à razão. Este enquadramento tipicamente moderno permite inferir que, uma vez acessada a razão, o sujeito teria a possibilidade concreta e segura para a conquista de uma compreensão mais adequada da própria vida e, em decorrência, para ascender econômica e socialmente. No Brasil, uma pesquisa realizada na perspectiva dos Estudos Culturais sobre esta apologia criada e disseminada em torno da alfabetização pode ser encontrada no trabalho de Traversini (1998). A mesma consiste numa investigação sobre a alfabetização no contexto cultural da cidade gaúcha de Poço das Antas, reconhecida, pelo UNICEF, como uma das cidades vencedoras do ranking da educação brasileira com um índice de 100% de alfabetização. A autora faz uma reflexão sobre a relação estratégica entre alfabetizados e analfabetos apontando que

a condição de alfabetizados/as propicia que os/as mesmos/as representem os/as analfabetos/as como pessoas com capacidades reduzidas, raciocínio lógico limitado e como entraves para o progresso das comunidades. Através da linguagem, os/as alfabetizados/as acreditam re-apresentar de forma transparente o ‘real’ aos/as analfabetos/as (ibidem, p. 65).

Ou seja, aquelas/es que dominam a habilidade da leitura e escrita colocam-se numa posição de superioridade e proclamam-se mais próximos da conquista de igualdade social. Conforme a autora, é reforçado o discurso da necessidade da alfabetização como pré-requisito fundamental para “alcançar a cidadania, a qualidade de vida, o desenvolvimento social, etc”. (ibidem, p. 66) A alfabetização é colocada como algo que poderá elevar as pessoas a uma qualidade de mais completos, ou mais inteligentes. A escola, assim como o jornal, parece fechar os olhos diante de outros saberes que não sejam os saberes escolares, ou seja, aqueles adquiridos somente com o domínio da habilidade da leitura e escrita no espaço escolar.

No artigo *O analfabetismo como metáfora*, de Marzola (1997), encontro outro exemplo desta estreita relação entre a escola e as promessas de desenvolvimento pessoal e social. Ao citar um trecho de um texto de Sérgio Haddad, publicado no jornal *Folha de São Paulo* em 1989: “...não são pobres porque são analfabetos. São analfabetos porque são pobres...” a autora faz uma interessante e instigadora análise sobre como a problemática da

alfabetização assume uma dimensão dramática e de grande apelo político nas amplas campanhas de alfabetização de adultos, divulgadas no Brasil como a fórmula para a solução de todos os problemas da nação. Marzola (1997, p. 1) conclui que “ a pobreza, a má distribuição de renda, o desemprego e a fome, não podem ser resolvidos ou minorados com medidas e soluções educacionais. Ao contrário do que os discursos oficiais querem nos fazer crer, problemas sociais só se resolvem com soluções e iniciativas de política social ”.

As campanhas de alfabetização associadas à conquista da cidadania e ao desenvolvimento social são um tema recorrente na imprensa brasileira. Além de fotos de crianças que estão sendo alfabetizadas, encontra-se também inúmeras fotos de pessoas com idade avançada ocupando salas de aula. Nas lentes do jornal, encontro fotos que emocionam: homens e mulheres com as mãos enrugadas segurando um lápis e aprendendo a contornar as primeiras letras. Estas pessoas aparecem como deficitárias por não dominarem a habilidade da leitura e da escrita. Neste sentido, aqueles que são alfabetizados correspondem ao padrão hegemônico ou seja, são os normais, são aqueles que adquiriram o “verdadeiro” conhecimento. Esta necessidade de narrar aquela ou aquele que não frequentou os bancos escolares como carente ou deficitário está relacionada com a política de representação. Costa(1998a, p. 43) quando discute o poder e a política de representação afirma que

essa disputa por narrar “o outro” , tomando a si próprio como referência, como normal, e outro como diferente, como exótico, como ‘ex-cêntrico’, é a forma ou regime de verdade em que são constituídos os saberes que fomos ensinados a acolher como verdadeiros, como ‘científicos’, como ‘universais’, e que inundam os currículos escolares, os compêndios, as enciclopédias, os livros didáticos, as cartilhas, deixando marcas indeléveis nos códigos normativos, na literatura e nas artes em geral, nas retóricas pedagógicas familiares e religiosas, na mídia e em outros dispositivos culturais. Tais saberes são práticas, reguladoras e reguladas, ao mesmo tempo produzidas e produtivas.

Na reportagem *Desvendando o mundo das letras* (anexo2)⁴ encontro um exemplo desta narrativa do “analfabeto” como “o outro”, como aquele que vive num outro mundo ou fora deste mundo. Esta reportagem fala sobre um programa de alfabetização de adultos

⁴ Jornal NH, 18 de abril de 1998, fotógrafo Tamires Kopp

subsidiado pelo Banco do Brasil. Duas fotos ocupam 30% da área da página. Na primeira – a que ocupa o maior espaço – aparece uma sala de aula com classes, uma atrás da outra, ocupadas por homens e mulheres, aparentemente com mais de trinta anos. Todos/as estão sentados, com o caderno sobre a mesa e lápis na mão. Na legenda: *Na sala de aula pela primeira vez: duas vezes por semana, homens e mulheres sentam nos bancos escolares.*

Na segunda foto da reportagem, ocupando um espaço menor, está uma senhora com cabelos grisalhos sentada na sala de aula e também com o lápis na mão. Na legenda: *Capricho: dona Romilda cedeu à insistência da família.* Aqui novamente o ângulo escolhido para a foto é de cima para baixo, o que pode remeter à idéia de inferioridade para a pessoa fotografada. A mulher está séria e encarando o leitor. A palavra *capricho* utilizada na legenda nos sugere que apesar de pobre e analfabeta ela é uma mulher caprichosa ao desenhar as primeiras letras no caderno. Ela está se dedicando, está caprichando para aprender a ler e escrever e assim atender o pedido da família.

Nesta mesma lógica de sensibilizar leitores e leitoras diante dos inúmeros projetos ou campanhas de alfabetização que proliferam no país, encontro uma outra reportagem com o título *Aposentado de 96 anos revive as lições da escola.* Nesta matéria aparece um senhor de idade bastante avançada, quase um século de vida. O cenário escolhido para a foto é uma residência. O homem está sentado numa cadeira confortável, provavelmente na sala de sua casa, com um caderno aberto sobre as pernas e segurando uma caneta. Atrás dele, uma cômoda antiga com fotos de bebês num porta-retrato e um vaso antigo com flores de plástico. Ele tem um olhar distante; olha para a frente. A legenda ajuda a entender o desejo e determinação deste “velhinho” — *Lição de vida: João Ceratti percorrerá quatro quadras a pé para realizar o sonho de aprender a ler.*

A foto da terceira reportagem (anexo3)⁵, associada à legenda e ao título da matéria, nos faz refletir sobre o esforço individual daquele homem de cabelos grisalhos que está superando dificuldades e buscando uma nova vida na escola. Ele tem 96 anos e percorrerá um caminho diário de quatro quadras para ser alfabetizado. Isto remete à idéia de que, com esforço e determinação individual, todos podem alcançar um objetivo. Basta ter força de vontade que todos conseguirão realizar o seu sonho, o seu desejo.

⁵ Zero Hora, 25 de abril de 1998, fotógrafa Patrícia Specht

De acordo com as reportagens encontradas durante a pesquisa, crianças e adultos terão a garantia de uma vida melhor e mais digna se tiverem acesso à escolarização. Quem não se emociona ao ver estampada no jornal a foto de uma pessoa idosa, com as mãos enrugadas e calejadas, segurando um lápis num grande esforço para conseguir escrever algumas palavras? Esta fotografia, associada a uma legenda, cria uma expectativa na comunidade leitora do jornal de que no momento em que aquela pessoa for alfabetizada todos os seus problemas serão resolvidos e várias oportunidades surgirão em sua vida. Ou seja, sempre é tempo de recomeçar. Afinal, se aquelas pessoas com idade avançada, apesar de todas as dificuldades, conseguiram “aprender”, todos vão conseguir também, depende apenas do esforço individual e da determinação de cada um e de cada uma.

Veiga-Neto (1995), inspirado em Foucault, me leva a pensar também sobre o poder disciplinar destas campanhas de alfabetização referindo-se à “produtividade da alfabetização universal” como um meio econômico e eficiente para regular os saberes das populações. Nesta ótica poderíamos afirmar que temos uma divisão do mundo em letrados e não letrados, ou seja, maneiras diferenciadas de produzir cultura. Segundo o autor “o próprio alfabetismo — além de tornar acessível mais perenemente e muito mais amplamente os conteúdos de uma cultura — molda as formas com que essa cultura chega a nós, como nós a recebemos e somos conformados por ela” (ibidem, p. 48). Neste sentido, alfabetizar é regular, é governar de uma forma produtiva e com custos menores. Pois, pelos caminhos da alfabetização, os saberes são ordenados e hierarquizados, sendo possível encaminhar uma determinada compreensão do mundo.

Ilustro esta idéia da regulação dos saberes a partir da alfabetização, citando duas reportagens que falam sobre a importância da leitura para uma “melhor” ou “mais adequada” compreensão do mundo. A primeira reportagem foi publicada na capa do caderno de Lazer e Cultura – que sugestivamente tem o nome ABC Domingo – com o título *A saúde está na leitura* (anexo4)⁶

. Uma foto colorida chama a atenção de leitores e leitoras. Em primeiro plano um menino está lendo um livro de histórias de Monteiro Lobato. O foco principal da foto está na capa do livro. Em segundo plano, e desfocada, uma menina está lendo o livro *Menino Maluquinho* de Ziraldo. A matéria sugere a idéia de que, a partir do hábito da leitura,

⁶ Jornal NH, 14 de junho de 1998, fotógrafo Fábio Winter

aquelas duas crianças estarão desenvolvendo suas capacidades para resolverem seus problemas. A noção de saúde está associada ao hábito da leitura. Através da leitura estes dois jovens da foto estarão adquirindo novos conhecimentos, conhecendo melhor, inclusive a si mesmos, seus limites e dificuldades. A legenda da foto pode levar a pensar o quanto é importante para estas duas crianças o contato com a leitura ou com a escolarização para o desenvolvimento pleno de uma geração: *Benefício: através da leitura as crianças podem aprender a identificar seus próprios problemas, descobrindo os melhores caminhos para combatê-los.*

Se a saúde está na leitura, como sugere a matéria, somos dirigidos, também, à noção bastante incentivada hoje, de que enquanto aquelas crianças da foto estiverem lendo, estão ocupadas e não soltas nas ruas, no ócio, correndo o risco, por exemplo, de envolver-se com drogas, bebidas ou práticas sexuais precoces. Elementos estes, atualmente associados ao crescimento de certos tipos de doenças como alcoolismo, drogadição, doenças sexualmente transmissíveis, etc. Os estudantes estão capturados pelo livro e longe de certos desvios. A foto parece nos dizer que pessoa saudável é pessoa letrada e que conseqüentemente terá melhores condições para se integrar no mundo.

Na segunda reportagem encontro a chamada *Ler mais e melhor: É possível?* (anexo5)⁷ uma foto ocupa quase toda a página. Uma professora fantasiada de fada lê uma história infantil para uma criança que deve aparentar em torno de três ou quatro anos. A legenda da foto, que ajuda a “ler” a fotografia, reforça, ou coloca em circulação, esta noção ou divisão do mundo dos letrados e não letrados : *Valorização da leitura: mais do que alfabetizar, espera-se da escola a formação do leitor.* Conforme diz Veiga-Neto (1995, p. 48), “um mundo alfabetizado é um mundo mais capaz de viver — a custos menores e eficiências maiores — sem o rei/pastor. E tudo isso vale, também, para conteúdos e formas de aprendizagem que continuam acontecendo na escola moderna bem depois da alfabetização”. Ou seja, seguindo a lógica da reportagem, a alfabetização pode ser compreendida como uma ferramenta eficiente na regulação daquilo que as pessoas devem conhecer ou saber para serem consideradas integradas numa sociedade moderna. Tais argumentos levam-me a considerar a pertinência de reflexões acerca da importância da escola na regulação dos sujeitos e, em especial, acerca de sua eficiência na produção da

⁷ Jornal NH, 24 de outubro de 1998, fotógrafa Andréa Zimmer

necessidade da auto-regulação destes sujeitos para o funcionamento da sociedade moderna sob o ponto de vista econômico. Segundo Veiga-Neto (1995, p. 50): “em parte porque nos ensina a sermos disciplinados e pensarmos disciplinar e disciplinadamente, a escola nos ensina a ser sujeitos autogovernáveis (...). Na ausência do olhar do rei/pastor, com o enfraquecimento do poder soberano e com o deslocamento do poder pastoral, o sujeito tem de se autogovernar”.

É importante ressaltar que a professora está fantasiada de fada enquanto está lendo o livro. Talvez esta vestimenta seja uma estratégia da professora para causar maior impacto a sua leitura do livro. Ela está literalmente conduzindo aquele menino para o mundo do conto de fadas. E somente as pessoas letradas terão condições de ter acesso as maravilhas deste mundo oferecido pelos livros.

No desenvolvimento da pesquisa, vasculhando fotos de jornais, percebo o quanto a clássica fotografia da alfabetização – lápis e papel na mão – ou seja, a leitura e escrita de palavras, ainda são ícones do que a escola pode oferecer ou pode ensinar aos seus alunos e alunas. A maioria das fotos de estudantes que coletei apresentam o tradicional caderno que está sendo preenchido com letras, com frases que fazem parte do arsenal de conhecimento que o aluno irá adquirir e comprovar através da escrita ao longo da sua vida escolar.

Também em uma reportagem com a chamada *Pensar a prática: o risco e a aventura* (anexo6)⁸, que ocupa quase meia página, encontro a foto de um estudante escrevendo no caderno. O foco principal está no lápis ou seja, na escrita. O rosto do estudante está em segundo plano e desfocado. Ele está de cabeça baixa olhando atentamente para o lápis. O que parece importar neste caso é aquilo que este menino conseguir colocar no papel com palavras. Na legenda da foto: *Teoria: não pode ser uma tarefa exclusiva de alguns iluminados, enquanto que os outros deveriam contentar-se em ser repetidores e seguidores.*

A foto escolhida, justamente quando a reportagem anuncia a importância de repensar a prática, é de um menino confinado ao caderno. O menino está, naquele momento, cumprindo a sua tarefa: escrevendo. É para isso que devemos ir para a escola: para aprender a ler e escrever. Ele é um estudante da escola pública e talvez para o jornal

⁸ Jornal NH, 25 de abril de 1998, fotógrafa Rosana Martins

sejam todos iguais: sentados na sala de aula, em ordem, caderno sobre a mesa e com o lápis em punho, prontos para comprovar no papel aquilo que aprendem na escola.

Nesta fotografia do menino escrevendo, observo uma composição “tecnicamente” bem elaborada. De acordo com as orientações técnicas sobre composição fotográfica, quando alguém olha para qualquer cena, tende a se concentrar em um ponto de interesse e a ignorar os detalhes que parecem irrelevantes. Quanto mais forte esse ponto, menor a consciência dos elementos que o cercam (Hedgecoe, 1980). A composição desta foto faz com que o lápis salte aos olhos, chamando a atenção. O ponto forte desta fotografia é, sem dúvida, o lápis, remetendo, talvez, à posição de poder que ocupa aquele que detém o saber da leitura e da escrita, aquele que pode comprovar com palavras o seu “conhecimento”.

Esta tradição da escrita, como forma de legitimação do conhecimento faz parte de uma racionalidade ocidental que privilegia alguns enquanto invisibiliza “os outros”. Se por um lado quando pensamos em escola, insistimos no pensamento linear ou na leitura linear de palavras como a expressão única para garantir a aquisição do conhecimento por outro lado vivemos um tempo de descompasso, onde todos estamos, de alguma forma, plugados, mesmo que de formas diferenciadas, numa grande rede. *Outdoors* com imagens coloridas seduzem, luminosos que lembram o filme *Blade Runner*, *o Caçador de Andróides* dão um ar futurista para as cidades; operários, muitos sem a habilidade da leitura e escrita alfabética, utilizam pontos magnéticos para registrar sua presença na empresa; caixas eletrônicos totalmente automatizados, símbolos da tecnologia a serviço da segurança são saqueados diariamente; anúncios publicitários utilizam imagens sedutoras para divulgar desde o carro importado até uma marca de detergente ou alimentos; no supermercado a dona de casa confere os preços utilizando o leitor óptico do código de barras e no caixa a registradora computadorizada preenche o valor do cheque.

Na escola este aluno aprende a ficar horas sentado na sala de aula. Ele está ali para escrever, no seu caderno, os novos e importantes conhecimentos que a escola está “generosamente” ensinando. Segundo Varela e Alvarez-Uría (1992), a escola pública ensina aos estudantes das classes populares que é preciso aprender um novo comportamento, uma nova forma de ser, de se expressar, seguindo sempre a disciplina da escola: aprender a levantar a mão antes de falar, escutar com atenção as palavras da professora, sentar-se. Para adquirir estes novos conhecimentos, esta outra forma de ser, é

preciso romper ou ser crítico com o seu contexto familiar e cotidiano. Assim, “o espaço escolar, rigidamente ordenado e regulamentado, tratará de inculcar-lhes [nos estudantes] que o tempo é ouro e o trabalho disciplina e que para serem homens e mulheres de princípios e proveito, têm de renunciar a seus hábitos de classe e, no melhor dos casos, envergonharem-se de pertencer a ela” (ibidem, p. 91).

Relacionando estas fotos de crianças e adultos que estão descobrindo o mundo das letras, seria interessante lembrar os projetos educacionais baseados na pedagogia crítica, disseminadas no país como o caminho para um mundo mais justo e solidário. Conforme estes projetos, amplamente divulgados pela mídia, independente da condição social, econômica, cultural ou religiosa, o acesso à escola garantiria a aquisição de um conhecimento universal, patrimônio da humanidade. Ou seja, criança pobres e adultos analfabetos precisam ir para a escola para sanar um déficit cultural, um déficit de saber que só a escola poderá suprir. Neste sentido, a escola pública funciona como homogeneizadora dos saberes e, conforme Costa (1998, p. 64), “operando um distanciamento das origens familiares e culturais, borrando a identidade de classe, em nome do acesso a uma identidade padrão classe média, ilustrada e meriocrática”. Nesta lógica, a escola pública estaria bebendo na “verdadeira” fonte do saber e ao mesmo tempo democratizando estes saberes.

Varela e Alvarez-Uría (1992), ao analisarem as condições históricas e sociais do surgimento da escola pública gratuita, ajudam a pensar sobre a escola como uma maquinaria do governo da infância. Conforme os autores, as crianças da escola pública, que carregam o déficit da disciplina, tornam-se alvos, ou presas fáceis para uma “necessária” política de transformação dos sujeitos. Estas crianças pobres são encaradas como um “capital potencial”. Então, cabe à escola, cuidá-las, protegê-las e educá-las para no futuro elas renderem os “máximos benefícios econômicos e sociais” (ibidem, p. 71).

Também quando encontro no caderno de economia uma matéria com a chamada *Educação entra em debate*, (anexo7)⁹, surge novamente a relação de um projeto de educação específico para as classes populares com o desenvolvimento social. A foto de um estudante sentado na sala de aula ocupa a metade da página. O menino está em primeiro plano e o foco principal da foto está nele e no seu lápis. Na legenda temos a recorrente noção da possibilidade de um projeto de educação que garanta o desenvolvimento

⁹ Zero Hora, 15 de março de 1998, fotógrafo Emílio Pedroso

econômico e social: *Ferramenta na luta contra a pobreza: chefes de Estado, analisarão no Chile processos para o aprimoramento do ensino e fortalecimento do trabalho dos professores*. Ou seja, governantes de Estados diferentes, com contextos culturais diferenciados estarão reunidos para discutir uma solução “mágica” para o desenvolvimento social através da educação. Segundo a legenda da foto, o que falta para este menino – que está numa sala de aula de uma escola pública brasileira – poder livrar-se do caminho da pobreza é um projeto pedagógico que proporcione um atendimento mais eficaz de seus professores. Está aqui colocado sobre os ombros de professoras e professores o peso da responsabilidade de modificar, através de um projeto pedagógico, toda a estrutura social e econômica de um país.

Todas estas fotos, de trabalhadores desempregados, de crianças que estão ingressando na escola pública, de adultos que estão sendo alfabetizados, parecem convergir para um mesmo ponto: a educação é a melhor arma contra a pobreza. Então, a solução para as classes populares é enviar seus filhos e filhas para a escola. Lá eles poderão sanar todo e qualquer déficit que é “imaneante” a sua condição social. Na escola, poderão romper com os desnecessários ou equivocados conhecimentos adquiridos na família e no cotidiano. Varela e Alvarez-Uría (1992, p. 87) alertam para este rompimento, para esta lapidação a que as crianças das classes populares são submetidas na escola: “lentamente a maquinaria escolar vai produzindo seus efeitos, transformando esta força incipiente, esta tabula rasa, num bom trabalhador”. Segundo os autores, é através de múltiplos dispositivos que a escola pública vai moldando estes corpos e mentes para desenvolverem as habilidades necessárias para os futuros trabalhadores. “Os conselhos, as histórias exemplares, a recitação em voz alta. O regulamento, a caligrafia, o trabalho escolar... são a bigorna sobre a qual o professor depositará estas naturezas de ferro para forjar com paciência e obstinação o futuro exército do trabalho” (ibidem, p. 89).

O jornal apresenta, de uma forma muito peculiar, esta lapidação das crianças nas escolas públicas em reportagens que emocionam ao ver fotos de crianças pobres que estão, por exemplo, tendo acesso à aulas de música erudita, ballet, inglês, informática. Estas matérias sugerem que a escola é um bem necessário, não só para um possível desenvolvimento econômico das classes populares mas, sobretudo, para a aquisição dos conhecimentos necessários para que as pessoas possam viver em sociedade. Nesta lógica,

está criada a necessidade das classes populares terem acesso à “verdadeira” instrução, ou ao “refinamento” dos saberes.

As vantagens que resultam para a sociedade que se difunda a instrução entre as classes laboriosas não se limitam a promover a indústria e a aperfeiçoar os artigos que tornam prazerosa (sic) nossa existência material. Estendem-se a melhorar nossos costumes e consolidar as instituições que são a fonte da civilização e refinamento da sociedade, não existindo bem algum que não proceda do saber, nem mal que não emane da ignorância ou do erro. Gananciosas as massas em gozar dos benefícios que a ordem lhes assegura, e convencidas de que seu bem estar é devido exclusivamente a este arranjo, elas, se o governo não é hostil, manifestar-se-ão sempre prontas a auxiliá-lo, e em vez de combatê-lo e de tender a transtornar a tranqüilidade, trabalharão para robustecê-la e melhorá-la. A educação dos trabalhadores é o único meio seguro de precaver as agitações tormentosas e de fazer desaparecer os crimes que atrás de si arrasta a mendicidade, sempre desmoralizadora (Estrada *apud* Varela e Alvarez-Uría 1992, p. 88).

Talvez fosse interessante relacionar esta lapidação, ou este aprimoramento das classes populares na escola com as discussões anteriormente propostas por Veiga-Neto (1995) quando aponta as campanhas de alfabetização como mecanismo econômico para a regulação das populações. Na obrigatoriedade da alfabetização ou do saber escolar está a possibilidade eficiente de criar uma representação segundo a qual as classes populares sofrem de déficits. Assim se vai regulando, governando o comportamento destas pessoas e ao mesmo tempo criando uma noção de incompetência, de déficit, justificando um possível despreparo delas mesmas para ocupar certos espaços e assim, naturalizando sua marginalização na sociedade.

A elaboração deste artigo que relaciona jornal, alfabetização e fotografia procurou tornar visíveis algumas das relações entre mídia e educação. Apresentei, entre outras coisas, a proposta de olharmos para a educação como um terreno com fronteiras de difícil demarcação, especialmente ao considerarmos o caráter produtivo da mídia. Aponto, inclusive, a pertinência de pensarmos acerca da linguagem utilizada por estes artefatos culturais que nos interpelam todos os dias. Nas palavras de Fischer (1999, p. 29), resalto a importância desta aproximação entre escola e mídia : “enquanto a escola ficar no papel tímido de espectadora ressentida de uma sociedade que se pauta pelo mercado e pelas imagens de sucesso individual, de culto narcísico do corpo, de ilusão de felicidade dada

pelo consumo real e imaginário, estará apenas marcando seu lugar como ausente do seu tempo”.

Neste artigo apresentei algumas das visões ou algumas das lições sobre alfabetização que os jornais estão ensinando. Este trabalho foi apenas o início de possíveis discussões sobre como o jornal está operando na construção deste campo fértil e produtivo que é a educação. Não foi com o intuito de buscar respostas definitivas ou de apontar caminhos seguros que entrei neste empreendimento investigativo. Minha intenção foi bem mais modesta, mas não menos comprometida ou menos politicamente engajada. Meu objetivo foi entrar nesta fascinante e numerosa sala de aula do jornal e ver o que acontece aí todos os dias. Para ingressar nesta sala não é exigida matrícula, pois ela está sempre aberta, ensinando muitas coisas que nos fazem pensar sobre como as coisas são.

A educação está diariamente nas lentes do jornal, colocando um currículo particular no foco. As fotografias deste currículo têm nos ensinado muitas coisas: que a saúde está na leitura e que é preciso desvendar o mundo das letras para nos tornarmos bons e obedientes cidadãos; que sempre há uma chance para quem é pobre, mas esforçado. Talvez neste momento eu pudesse iniciar a organização de um álbum de fotografias sobre a educação brasileira. Espero que este trabalho contribua para descobrirmos outros ângulos e focos sobre as relações entre a mídia e a educação.

Referências bibliográficas:

- ACHUTTI, Luis Eduardo Robison. *Fotoetnografia*, Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- ALVAREZ-URIA, Fernando. A escola e o espírito da capitalismo. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Escola Básica na Virada do Século*. Cortez: São Paulo, 1996.
- COSTA, Marisa Vorraber. Discutindo a escola básica em tempos de neoliberalismo. In: ____(org) *Escola Básica na Virada do Século*. São Paulo: Cortez, 1996.
- ____ Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *O Currículo nos limiares do Contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- FISCHER, Rosa Maria B. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. *Educação & Realidade*. Porto Alegre. V. 20, n. 2, jul./dez. 1995.
- ____ Identidade, Cultura e Mídia: a complexidade de novas questões educacionais na contemporaneidade. In: SILVA, Luis Heron (org.) *Século XXI. Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- GRAFF, Harvey. O mito do alfabetismo. *Teoria e Educação*. Porto Alegre: Pannônica, nº2, 1990.
- HALL, Stuart Cultural Studies: two paradigms. In: STOREY, John (ed.). *What is Cultural Studies?* London: Arnold, 1997.
- ____ A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, V. 22, nº2, jul./dez., 1997a.
- ____ *Identidades Culturais na Pós-Modernidade* (trad. T.T. da Silva e G. Louro). Rio de Janeiro: DP&A, 1997b.
- LEMERT, Charles, *Postmodernism is not what you think*. 1997 Blackwell Publishers.
- KELLNER, Douglas. Lendo Imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: TOMAZ, Tomaz T. (org.). *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARZOLA, Norma. Analfabetismo como metáfora. Suplemento NH na Escola. *Jornal NH*. Novo Hamburgo, 20 de setembro de 1997.

- NELSON, Cary, TREICHLER, Paula e GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SILVA, Tomaz, T. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: ____ (org.). *O Sujeito da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ____ Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: *Alienígenas na Sala de Aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ____ *A poética e política do currículo como representação*. Texto apresentado como leitura pública no Programa de Pós- Graduação em Educação – UFRGS, dezembro, 1997a.
- TRAVERSINI, Clarice Salete. Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poço das Antas. PPGEDU-UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado.
- VARELA, Julia e ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. *Teoria e Educação*. Porto Alegre: Pannonica Editora, 1992.
- VEIGA-NETO. Michel Foucault e Educação: há algo de novo sob o sol? In: *Crítica Pós-Estruturalista e Educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- ____ Olhares. In: Costa, Marisa V. Costa (org.) *Caminhos Investigativos*. Porto Alegre: Mediação, 1996.
- ____ Governabilidade ou governamentalidade? Porto Alegre, 1996b. Texto obtido via Internet. (<http://www.ufrgs.br/faced/alfredo>).
- VILLAÇA, Nizia. *Paradoxos do Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.